

Altas Habilidades /Superdotação



Altas Habilidades / Superdotação

Superdotado

Alto-habilidosos ou Superdotados têm melhor desempenho em aulas especiais que lhes permitam desenvolver suas habilidades

O termo superdotado/sobredotado/alto-habilidoso faz referência a uma pessoa que possui capacidade mental significativamente acima da média. Como um talento, a alta habilidade ou superdotação é a aptidão para atividades intelectuais, artísticas ou esportivas que parecem ser inatas, uma vez que a pessoa superdotada parece apresentar tais habilidades sem que se possa explicar como aprenderam.

Contudo, tais aptidões ou habilidades também são desenvolvidas através de esforço pessoal e é um erro pensar que pessoas superdotadas não precisam ser ensinadas, elas apenas precisam de uma educação diferenciada que atenda a sua demanda de conhecimento. As principais características de uma pessoa superdotada são, segundo Joseph Renzulli: as altas habilidades, a criatividade e o comprometimento com a tarefa. Este diz respeito a capacidade de se envolver profundamente com atividades relativas a sua área de interesse, seja ela artística, acadêmica ou esportiva.

A alta habilidade ou superdotação pode ser geral ou específica. Por exemplo, uma pessoa bem dotada intelectualmente pode ter um talento impressionante para a matemática, mas não demonstrar competências linguísticas igualmente fortes ou vice-versa. Quando combinado com um desafio curricular adequado e as diligências necessárias para adquirir e executar muitas habilidades aprendidas, a alta habilidade muitas vezes produz sucesso acadêmico excepcional.

Inteligência

Pode ser definida como a capacidade mental de raciocinar, planejar, resolver problemas, abstrair ideias, compreender ideias, linguagens e aprender. Embora pessoas leigas geralmente percebam o conceito de inteligência sob um âmbito maior, na Psicologia, o estudo da inteligência geralmente entende que este conceito não compreende a criatividade, o caráter ou a sabedoria, no entanto

superdotados são criativos, tem bom caráter e são mais sábios. Conforme a definição que se tome, a inteligência pode ser considerada um dos aspectos da personalidade. O psicopedagogo israelita Reuven Feuerstein afirma que a inteligência humana pode ser estimulada em qualquer idade. De acordo com sua Teoria da modificabilidade cognitiva estrutural, mesmo indivíduos considerados inaptos podem ter sua inteligência "expandida" adquirindo assim capacidade de aprender.

O teste de Q.I.

O teste de Q.I. (quociente de inteligência), foi feito para medir a inteligência, mas não é exato e não pode avaliar todas as áreas de alto desempenho que a pessoa tem, por isso não é adequada a avaliação de superdotação apenas com o teste, que é uma medida consagrada.

Pelo teste WAIS , que é o mais utilizado, se considera superdotado o indivíduo que apresente um resultado a partir de 130 de QI, com o desvio padrão de 15 pontos, isso seria os 2% mais elevados.

Várias ideias sobre a definição estão em desenvolvimento e melhores maneiras de identificar superdotação intelectual têm sido formuladas.

A principal motivação dos estudos é o reconhecimento precoce do potencial da pessoa a fim de que sejam proporcionados condições adequadas para o seu desenvolvimento.

Para tanto, os educadores podem, além da observação direta do comportamento e desempenho, fazer uso de escalas de características (método desenvolvido pelos pesquisadores Renzulli, Smith, White, Callahan, Hartman e Westberg onde o professor avalia a frequência com que aspectos relacionados à aprendizagem, criatividade e motivação são registrados no cotidiano dos alunos), questionários, entrevistas, ou conversas (profundas, prolongadas) com a própria pessoa, com a família, com os professores e testes, desde que usados mais como metáforas da vida real do que em busca de resultados numéricos absolutos.

Altas Habilidades/Superdotação e Medicina

Na medicina considera-se importantes os estudos da estrutura da mielina dos neurônios e de um funcionamento mais otimizado

do cérebro como as causas da capacidade superior. A diferença entre um indivíduo normal e um superdotado são as conexões cerebrais complexas e não a quantidade de neurônios como alguns pensam.

Altas Habilidades/Superdotação e Sociologia

Quanto à sociologia, existem efeitos diferentes. Durante a infância e adolescência, em alguns casos eles são acolhidos pela inteligência e maturidade superior pelos grupos mais avançados, em geral em idade. Geralmente são rejeitados pela maioria das pessoas por motivos como falta de interesses partilhados, inveja, ciúme, etc.. Com o passar do tempo, estes geralmente conseguem estabelecer amizades concretas, em geral com pessoas com interesses maduros e concretos.

Altas Habilidades ou Superdotação e Psicologia

Às vezes a alta habilidade não é reconhecida na infância e as crianças alto habilidosas são por vezes diagnosticadas como tendo transtorno afetivo bipolar, transtorno do déficit de atenção com hiperatividade, transtorno desafiador e de oposição, depressão, ansiedade, transtorno obsessivo-compulsivo, ou outros problemas.

As Principais características dos superdotados:

Criatividade

Curiosidade

Boa memória

Obstinação

Fácil aprendizagem

Iniciativa

Impaciência

Inconformismo

Vocação para liderança

Senso de humor

Egocentrismo

Elevado senso crítico

Independência e autonomia

Alto desempenho em determinadas áreas

Amplo conhecimento geral

Difícil sociabilização por falta de interesses em comum.

Alta capacidade de influenciar e ou liderar / adaptabilidade social / Empatia

Elevado senso competitivo

Autodidatas

Segundo Gama, (2006), quando o talento se manifesta em crianças e jovens de baixa renda e não é reconhecido pelo sistema educacional, ele se transforma em risco pessoal e risco social e, por isso, minha preocupação com o diagnóstico.

O jovem superdotado é frequentemente expulso do sistema educacional pelo tédio ou por opor-se aos professores. Ao sair do sistema, por ter capacidade muito acima de seus pares, ele é facilmente seduzido pelo desafio da vida da marginalidade.

“Os mais capazes são frequentemente cooptados pelo crime organizado: além da sedução da vida de aventura, há a possibilidade de ganhar somas inatingíveis de dinheiro pelos caminhos da conformidade social e, com isso, contribuir para o sustento e para o status próprio e da família”.(GAMA, 2006, pag.13)

A incidência de superdotação está distribuída por toda a população, independentemente do nível socioeconômico.

A diferença no desempenho individual decorre dos estímulos educacionais e culturais recebidos. Na ausência de uma educação centrada no encorajamento das potencialidades apresentadas pelas crianças superdotadas, elas perdem a capacidade de atuar de forma superior e, assim, se sobressaírem nas suas respectivas áreas de interesse ou habilidades. Nenhuma sociedade pode se dar ao luxo de ignorar seus membros mais superdotados, e todas devem refletir seriamente como melhor nutrir e educar o talento.

Por definição, um indivíduo superdotado é aquele que se situa acima da média dos demais no que tange alguma habilidade relevante. Curiosidade, criatividade e facilidade de aprendizagem são algumas das suas características.

Eles costumam surpreender pais e educadores com um vocabulário rebuscado (em relação à sua idade e aos demais colegas) e com complexos raciocínios. Um raciocínio esquemático poderia levar a concluir, a partir disso, que a referida facilidade de aprendizagem das pessoas com altas habilidades traduz-se sempre e diretamente em vantagem social. Mas isso não procede. Ironicamente, são muitas das vezes, vítimas da sua inteligência, sendo alvo das brincadeiras nocivas dos seus colegas e da incompreensão da escola e dos educadores.

Não é fácil identificar um superdotado, uma vez que a facilidade na aprendizagem, o vocabulário rebuscado e a evidência de alguma habilidade extraordinária na criança, não se constituem, por si mesmas, em superdotação. Sua identificação, portanto, requer um profissional especializado, afirmando ainda as limitações dos testes de Q.I para tal tarefa (por mensurarem apenas algumas dimensões específicas da inteligência).

Podemos identificar como crianças precoces aquelas que possuem alguma habilidade específica em qualquer área do conhecimento, habilidade esta que é apresentada espontaneamente pelas mesmas. Uma criança precoce não é exatamente uma criança superdotada, só é possível saber isso depois de um acompanhamento para observar o seu desenvolvimento.

Outro aspecto importante a ser analisado é que o fato de uma criança ser identificada como precoce não garante o seu sucesso na fase adulta. Ainda que alguns autores afirmem que crianças superdotadas são, de maneira geral, precoces (Winner, 1998), outros estudos demonstram que essa característica na infância não é fundamental (nem determinante) como precedente para este sucesso posterior (Freeman e Guenther APUD Sodré, 2006).

A criança prodígio é uma criança precoce que apresenta um alto desempenho em uma área do conhecimento em nível de um adulto profissional.

Altas Habilidades ou Superdotação e Pedagogia

A própria Constituição Brasileira indica que todos os cidadãos devem receber educação adequada para atingir o seu potencial.

Em resolução do Conselho Nacional de Educação observamos:

As escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: (..)

IX – atividades que favoreçam, ao aluno que apresente altas habilidades/superdotação, o aprofundamento e enriquecimento de aspectos curriculares, mediante desafios suplementares nas classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para conclusão, em menor tempo, da série ou etapa escolar, nos termos do Artigo 24, V, “c”, da Lei 9.394/96.

“ Diferentemente da maioria dos países do mundo, as altas habilidades no Brasil são predominantemente ignoradas, quando se trata da prática educacional. Órgãos encarregados do estabelecimento das diretrizes de Educação e Saúde têm como hábito incluí-la, quando deliberam sobre Educação Especial. Como nos casos das deficiências, a superdotação deve ser avaliada, oferecendo-se ao indivíduo condições educacionais adequadas ao seu potencial. Na prática, não é o que acontece, salvo em casos isolados muito raros. Num país pleno de carências, não se considera relevante o atendimento diferenciado a quem já foi privilegiado com um dom especial. Os superdotados estão escondidos nas salas de aula comuns, como se seus talentos fossem invisíveis. ”

Um estudo brasileiro em 2002 concluiu que a maioria dos professores do Brasil só possuem conhecimentos superficiais sobre superdotação, não sabem identificá-los corretamente, não sabem atender suas necessidades e não tem os recursos para estimular o desenvolvimento de suas habilidades. Um psicólogo escolar pode ajudar nessas questões.

Apesar de o número de alunos superdotados registrados pelo Ministério da Educação (MEC) ter quintuplicado em cinco anos (2005 - 2010), passando de cerca de mil para 5,6 mil (0,01%), apenas uma pequena parcela da população com esse potencial tem acesso ao atendimento especial, garantido por lei.

A Organização Mundial da Saúde estima que entre 1,5 milhão e 2,5 milhões de alunos no País tenham altas habilidades em pelo menos alguma área do conhecimento, e aproximadamente 8 milhões de pessoas no total.

Estratégias de ensino

Para atender as necessidades especiais de educação dos superdotados existem duas abordagens de ensino.

O enriquecimento curricular é o oferecimento à criança experiências de aprendizagem diversas das que o currículo regular normalmente apresenta. Isso é feito através de atividades extraclasse onde são apresentados conteúdos mais abrangentes e/ou mais profundos e são desenvolvidas atividades pedagógicas para criar um ambiente de aprendizagem desafiador para este aluno, despertando o seu interesse e para ajustar os níveis de aprendizagem requerida de acordo com as habilidades dos alunos. Pode ocorrer através de classes, monitorias ou tutorias individuais.

As classes de aceleração permitem ao aluno pular etapas da formação regulamentar. Existem diferentes estratégias para atingir este objetivo.

Entrada mais cedo na fase seguinte do processo educativo (desde a educação infantil)

Pular séries e/ou graus escolares

Aceleração por disciplina (frequentar disciplinas mais adiantadas dos anos seguintes)

Formação de classes mistas (onde os mais novos possam trabalhar com os mais velhos, e mais avançados)

Estudos paralelos (frequentar o ensino fundamental ao mesmo tempo que o ensino médio, etc.)

Estudos compactados (quando o currículo normal é completado em metade ou terça parte do tempo previsto)

Ingresso antecipado no ensino superior

No entanto no Brasil apenas 1 a cada 1000 superdotados tem acesso a esses benefícios.

Podemos identificar as seguintes características nos superdotados escolares:

Tirar boas notas na escola

Gostar de fazer perguntas

Aprender com rapidez

Ter boa memória

Apresentar bom vocabulário

Necessitar pouca repetição do conteúdo escolar

Apresentar longos períodos de concentração

Ser perseverante

Apresentar excelente raciocínio verbal e/ ou numérico

Ler por prazer

Gostar de livros técnicos/ profissionais

Ser consumidor de conhecimento

Tender a agradar aos professores

Tender a gostar do ambiente escolar

Precocidade

A precocidade é caracterizada por um desenvolvimento avançado.

Ler aos quatro anos, fazer cálculos mentais aos quatro, aprender diferentes formas, tais como bandeiras, aos dois anos, desenhar com realismo aos três ou quatro, são algumas das manifestações de precocidade intelectual.

A identificação de crianças precoces tem, por objetivo, estabelecer quais as que possuem necessidade de uma educação diferenciada.

Talento

Talento é o potencial superior. De acordo com as inteligências múltiplas, uma inteligência é uma habilidade ou conjunto de habilidades que permitem a uma pessoa resolver problemas ou criar produtos apropriados para um ou mais contextos culturais.

Pensamento Divergente

O pensamento divergente, visto como a capacidade de pensar novas respostas, de dar soluções diferentes para problemas abertos, opõe-se ao pensamento convergente, aquele no qual busca-se a resposta certa.

Dedicação obstinada à tarefa

A dedicação obstinada à tarefa está ligada aos assuntos que interessam à criança, ao qual ela se dedica de corpo e alma, e reluta em interromper qualquer atividade de aprendizado ou de produção relacionada com o assunto alvo.

Para Delou (2007), ao contrário do que se possa imaginar, alunos com altas habilidades/superdotação podem ser reconhecidos pelo alto desempenho escolar, mas não são incluídos nas práticas pedagógicas escolares de alto nível. Eles, também, não têm “acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo as capacidades de cada um”, como previsto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Brasil, 1996, Título III, Art.4º, V).

Historicamente, a maior parte desses alunos não é identificada. Eles sempre foram matriculados nas escolas regulares. Sempre foram classificados conforme suas idades cronológicas e colocados em turmas que, regra geral, estão longe de atender ao nível de desenvolvimento real que apresentam ou teriam condições de acompanhar.

Raros são os alunos identificados, alguns podem ser indicados para as salas de recursos especializadas, contudo, a matrícula escolar não garante a inclusão educacional. Estar matriculado garante o acesso ao ensino, mas para que alunos com altas habilidades/ superdotação sejam incluídos é preciso mais. É preciso professores especializados para as salas de aulas regulares e para o atendimento educacional em salas de recursos ou em programas de enriquecimento ou de aprofundamento.

Segundo Winner (1998), existem nove principais mitos e mal-entendimentos sobre supertodação:

Mito 1: Superdotação Global

O rótulo superdotado é mais frequentemente reservado para crianças com habilidades acadêmicas, ou seja, com aptidões em linguagem (oral e escrita) e matemática, as duas grandes áreas valorizadas nas escolas. E os psicólogos e educadores mediram superdotação acadêmica com um teste de QI que produz uma pontuação global.

A suposição subjacente aqui é que as crianças superdotadas possuem um poder intelectual geral que lhes permite ser superdotadas em tudo. Entretanto, a autora chama isso de o mito da capacitação global. A criança com uma combinação de pontos fortes e fracos acadêmicos vem a ser a regra, não a exceção.

As crianças podem até mesmo ser superdotadas em uma área acadêmica e apresentar distúrbio de aprendizagem em outra. Crianças altamente superdotadas de dois ou três anos, mostram claras habilidades específicas de domínio. A especificidade de suas habilidades é um forte indício de que estas crianças estão predispostas em direção a domínios específicos. Elas não são indivíduos geralmente superdotados que por acaso escolheram focalizar em matemática ou linguagem.

Mito 2: Talentosas, mas não superdotadas.

Embora as crianças precoces nestes tipos de habilidades escolásticas avaliadas por um teste de QI sejam chamadas de superdotadas, as crianças que demonstram habilidade excepcional em uma forma de arte como artes visuais, música ou dança ou em uma área atlética como patinação, tênis ou mergulho são chamadas de talentosas. Dois rótulos diferentes sugerem duas classes diferentes de crianças. Mas não há justificativa para tal distinção. As crianças artísticas ou atleticamente superdotadas não são tão diferentes das crianças academicamente superdotadas.

Mito 3: QI Excepcional

QI alto não é considerado o único ingrediente. Há poucas evidências de que superdotação em áreas não-acadêmicas, como artes ou músicas, requeiram um QI excepcional.

Mitos 4 e 5: Biologia X Ambiente

De onde vem a superdotação? O mito do senso comum é de que a superdotação é inteiramente inata. Este mito folclórico ignora a poderosa influência sobre o desenvolvimento de aptidões.

Diametralmente oposto a esta visão, está o mito mantido por alguns psicólogos de que superdotação é simplesmente uma questão de treinamento intensivo por parte de pais e professores, iniciado a pouca idade.

De acordo com Gama (2006), ao valorizar e incentivar pessoas ou crianças brilhantes e esteticamente talentosas permite-se um enorme desenvolvimento de talentos específicos que levaram ao sucesso ou resultados em prol e para o bem da humanidade. Bons exemplos de desenvolvimento de talentos são Michaelangelo, da Vinci, Bernini, Dante, e tantos outros.

E bons exemplos de países que valorizam a educação para superdotados são a China e o Japão, que em consequência disso desenvolvem grandes invenções. O Japão, mais do que qualquer outra nação, depende da educação para construir indústrias, modernizar sua cultura e facilitar o caráter moral de suas crianças. Lá existem escolas específicas para crianças superdotadas, e considera-se importante estudá-los e reconhecê-los. Esses são alguns exemplos que mostram a importância dos estudos sobre superdotação.

Para Winner (1998), o estudo dos superdotados nos conta muitas coisas importantes sobre como a mente em geral deve operar, e ela também apresenta exemplos de outros países que, por sua vez, valorizam a educação para superdotados.

Winner diz que nos Estados Unidos, apesar de mostrar importância e oferecer condições para os superdotados, nós em realidade prestamos bem pouca atenção ao problema de como identificar e criar crianças com altas habilidades, e diz o quanto perdemos com isso. Os recursos públicos que nós de fato dispêndemos para educar os superdotados são principalmente reservados para as crianças com talento acadêmico moderado, em vez de para as extremamente talentosas em matérias escolares ou em outras áreas.

Outras culturas fizeram muito mais para alimentar e identificar seus mais superdotados. A Hungria, por exemplo, produziu e investiu em matemáticos e cientistas, e grande parte do trabalho criativo nos Estados Unidos no séc. XX foi feito pelos refugiados da Europa. Hoje, com essa preocupação legítima com a desigualdade social e econômica, há pouca importância com a superdotação ou com modos de fortalecer o sutil caminho dos talentos excepcionais da infância para conquistas e criatividade adulta.

Nerd

Nerd é um conceito sociológico moderno que por vezes é descrito como uma tribo urbana, muito embora possua características gerais mais imprecisas do que a maioria delas, e embora também não preceda à autoidentificação. A ideia de "nerd" está profundamente atrelada, historicamente, à adolescência e juventude, bem como à cultura do sistema escolar dos Estados Unidos, ainda que também tenha sido exportada para outros países.

Em termos gerais, o nerd é uma pessoa vista como excessivamente intelectual, obsessiva por assuntos que a maioria das pessoas não se interessa, e com falta de habilidades sociais fora do meio nerd. Tal pessoa pode gastar quantidades excessivas de tempo em atividades impopulares, pouco conhecidas ou não, que geralmente são altamente técnicas, abstratas ou relacionadas a tópicos de ficção ou fantasia, com exclusão de atividades mais comuns. Além disso, muitos chamados nerds são descritos como sendo tímidos, excêntricos, pedantes, e não atraentes, bem como com muitas dificuldade em praticar, ou mesmo acompanhar esportes.

Embora originalmente tivesse conotação depreciativa, nerd é um termo estereotipado, mas como ocorreu outros termos pejorativos, ele foi refinado e redefinido por alguns como um termo de orgulho e identidade de grupo. Atualmente no entanto o termo nerd vem sendo usado por determinados grupos relacionados a interesses específicos como forma de se identificarem.

Nerd é um anglicismo estadunidense, originalmente pronunciado IPA: [ˈnɜːd], "nâa(r)dz". No entanto, em Português, costuma-se pronunciar como se escreve: "nerd".

Etimologia

A primeira aparição documentada da palavra nerd foi na descrição de uma criatura fictícia, no livro de Theodor Seuss Geisel, *If I Ran the Zoo* (1950), em que o narrador Gerald McGrew afirma que colecionaria "um Nerkle, um Nerd e um Seersucker também" em seu jardim zoológico imaginário. O termo foi descrito pela primeira vez, como adjetivo relativo a características comportamentais em 1951, pela revista *Newsweek*, que reportou o uso popular da palavra, como gíria, sendo um sinônimo de drip ou square em Detroit, Michigan. No início dos anos 1960, o uso do termo se espalhou pelos Estados Unidos e até na Escócia. Em algum momento, a palavra passou a descrever pessoas entusiastas da leitura com inépcia sociabilidade.

Uma ortografia alternativa, foi nurd ou gnurd, também começou a aparecer em meados da década de 1960 ou início de 1970. o autor Philip K. Dick afirmou ter inventado a ortografia nurd em 1973, mas seu primeiro uso registrado apareceu em uma publicação estudantil de 1965 no Rensselaer Polytechnic Institute. A tradição oral afirma que a palavra é derivada de "knurd" ("drunk", ou seja, bêbado, escrito ao contrário), que foi usada para descrever as pessoas que estudaram em vez de ir a festas. O termo "gnurd" (escrito com o "g")

estava em uso no Massachusetts Institute of Technology em 1965.[18] O termo "nurd" também estava em uso no Massachusetts Institute of Technology já em 1971, mas foi usado no contexto do nome próprio de um personagem fictício em um artigo satírico.

O Online Etymology Dictionary especulou que a palavra seria uma alteração do termo nert dos anos 40 (que significa "pessoa estúpida ou louca"), que é em si uma alteração de "nut".

Também há uma versão na qual a palavra derivaria de Northern Electric Research and Development (Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da companhia Northern Electric do Canadá, mais tarde conhecida como Nortel), ou seja, atribuída àqueles indivíduos que trabalhavam no laboratório de tecnologia, que eram dados a passar noites em claro nas suas pesquisas.

Estereótipo

Por causa do estereótipo nerd, muitas pessoas inteligentes são muitas vezes rotuladas como nerds. Essa crença pode ser prejudicial ao desempenho escolar, pois pode fazer com que os alunos do ensino médio deixem de lado os estudos por medo de serem assim rotulados. Já se pensava que os intelectuais eram nerds porque eram invejosos.

No entanto, o programador de computadores Paul Graham afirmou em seu ensaio, "Por que Nerds são impopulares", que o intelecto é neutro, o que significa que você não é amado nem desprezado por isso. Ele também afirma que é apenas a correlação que faz com que os adolescentes inteligentes pareçam automaticamente nerd, e que um nerd é alguém que não é socialmente adepto o suficiente. Além disso, ele diz que a razão pela qual muitas crianças inteligentes são impopulares é que eles "não têm tempo para as atividades necessárias para a popularidade."

Segundo Paul Graham, "Existe uma relação entre ser esperto/inteligente e ser nerd, ou melhor, há uma correlação inversa maior ainda entre ser nerd e ser popular. Se ser nerd parece fazer a pessoa não popular" de forma análoga vem a conotação pejorativa.

A aparência estereotipada do nerd, muitas vezes satirizada em caricatura, inclui óculos muito grandes, aparelho ortodôntico, espinhas, e calças na altura cintura. Na mídia, muitos nerds são homens brancos, retratados como sendo

fisicamente impróprios, obesos ou muito magros, devido à falta de exercício físico. No entanto, após a franquia de filmes *Revenge of the Nerds*, com nerds de diversas origens étnicas e raciais, e a introdução do personagem Steve Urkel na série de televisão *Family Matters*, os nerds foram vistos como pertencentes a todas as raças e cores, bem como mais recentemente, sendo um estereótipo frequentemente relacionado a jovens asiáticos ou indianos na América do Norte. A representação de "garotas nerd", em filmes como *She's Out of Control*, *Welcome to the Dollhouse* e *She's All That* retrata aquilo que mulheres nerds podem sofrer mais tarde na vida se eles não se concentram em melhorar a sua atratividade física.

Nos Estados Unidos, um estudo de 2010 publicado no *Journal of International and Intercultural Communication* indicaram que os americanos de origem asiática são mais percebidos como nerds, seguidos pelos americanos brancos, enquanto os hispânicos não-brancos e os americanos negros foram percebidos como menos prováveis de serem nerds. Esses estereótipos resultam de conceitos de Orientalismo e Primitivismo, como discutido no ensaio de Ron Eglash *Race, Sex, and Nerds: From Black Geeks to Asian American Hipsters*. Entre os brancos, os judeus são percebidos como os mais nerd e são estereotipados em maneiras similares aos asiáticos.

Na década de 1960 difundiu-se a sua conotação pejorativa, aplicado a pessoas com inteligência geralmente acima da média, com alguma dificuldade em se relacionar socialmente, e que não obedeciam aos padrões da sociedade - principalmente físicos e intelectuais - tornando-se uma pessoa marginalizada, tímida e solitária.

O termo foi popularizado nos anos 1970 por seu uso maciço no sitcom *Happy Days*.

Embora originalmente sendo predominantemente um estereótipo americano, a cultura tem crescido em todo o mundo e é agora mais aceitável e comum do que nunca. Os eventos australianos, como *Oz Comic Con*, uma grande convenção de histórias em quadrinhos e *Cosplay*, e *Supanova Expo*, são eventos incrivelmente populares entre a cultura de pessoas que se identificam como Nerds. Em 2016, a *Oz Comic Con* em Perth viu quase 20.000 cosplayers e fãs de quadrinhos se reunirem para comemorar o evento, sendo assim chamado de um "Woodstock profissionalmente organizado para geeks"

A Política Nacional de Educação Especial (1994) define como portadores de altas habilidades / superdotados os educandos que apresentarem notável desempenho e elevada potencialidade em qualquer dos seguintes aspectos,

isolados ou combinados: capacidade intelectual geral; aptidão acadêmica específica; pensamento criativo ou produtivo; capacidade de liderança; talento especial para artes e capacidade psicomotora. Dos tipos mencionados, destacam-se os seguintes:

Tipo Intelectual – apresenta flexibilidade e fluência de pensamento, capacidade de pensamento abstrato para fazer associações, produção ideativa, rapidez do pensamento, compreensão e memória elevada, capacidade de resolver e lidar com problemas.

Tipo Acadêmico – evidencia aptidão acadêmica específica, atenção, concentração; rapidez de aprendizagem, boa memória, gosto e motivação pelas disciplinas acadêmicas de seu interesse; habilidade para avaliar, sintetizar e organizar o conhecimento; capacidade de produção acadêmica.

Tipo Criativo – relaciona-se às seguintes características: originalidade, imaginação, capacidade para resolver problemas de forma diferente e inovadora, sensibilidade para as situações ambientais, podendo reagir e produzir diferentemente e, até de modo extravagante; sentimento de desafio diante da desordem de fatos; facilidade de auto-expressão, fluência e flexibilidade.

Tipo Social – revela capacidade de liderança e caracteriza-se por demonstrar sensibilidade interpessoal, atitude cooperativa, sociabilidade expressiva, habilidade de trato com pessoas diversas e grupos para estabelecer relações sociais, percepção acurada das situações de grupo, capacidade para resolver situações sociais complexas, alto poder de persuasão e de influência no grupo.

Tipo Talento Especial – pode-se destacar tanto na área das artes plásticas, musicais, como dramáticas, literárias ou cênicas, evidenciando habilidades especiais para essas atividades e alto desempenho.

Tipo Psicomotor – destaca-se por apresentar habilidade e interesse pelas atividades psicomotoras, evidenciando desempenho fora do comum em velocidade, agilidade de movimentos, força, resistência, controle e coordenação motora

Um dos grandes desafios da educação é oferecer aos alunos oportunidades para o desenvolvimento pessoal e para a aprendizagem, em um contexto sociocultural. Este texto tem como objetivo esclarecer e orientar educadores no processo de identificação de alunos com superdotação na escola, na família e na sociedade. Ao analisarmos a diversidade que constitui um grupo de pessoas, podemos ter uma visão do quanto é interessante a espécie humana. Não há uma só pessoa que não seja única no universo. Entende-se por superdotação, neste artigo, os padrões de desempenho superior que uma

pessoa possa apresentar, quando comparada a grupo de igual faixa etária e contexto social. Em geral, apresenta em conjunto com esse desempenho, algumas características especialmente definidas e observáveis, que podem ser notadas e acompanhadas em várias faixas etárias, e que apresentam necessidades educacionais especiais, determinando procedimentos pedagógicos diferenciados para essa pessoa. Estudos estatísticos indicam que aproximadamente 3 a 5% da população apresentam potencial acima da média estimada, em diversos contextos sociais. A respeito desse grupo em particular, devemos focalizar, especialmente, estratégias de interações positivas que favoreçam o seu desenvolvimento. Em geral, na escola, os alunos com superdotação apresentam um comportamento caracterizado pela curiosidade, fluência de idéias, desempenhos superiores em uma ou mais áreas, grande motivação pela aprendizagem, facilidade para a abstração, percepção, relacionamento de um tema específico a um contexto amplo, estilos particulares para a aprendizagem e uma busca constante para atingir alvos e metas mais distantes. Uma das questões que envolvem grande reflexão sobre a superdotação tem sido o processo de identificação deste aluno, uma vez que demanda investimentos necessários para o desenvolvimento das expressões e talentos em áreas, que podem ser específicas, como o canto, por exemplo, ou a um conjunto de áreas como: criatividade, aptidões acadêmicas e capacidade intelectual.

A identificação de alunos com superdotação, na escola, deve assim, se basear no programa a ser implementado para o atendimento de suas necessidades, a utilização de várias fontes de coleta de dados (entrevistas, observações, sondagens do rendimento e desempenho escolar, análise de produções e outros), no conhecimento das características específicas desse aluno e das diferentes fases de desenvolvimento pelas quais as pessoas passam em cada faixa etária.

Observa-se que tais alunos, quando percebidos por seus professores, revelam:

- Aprendizagem com instrução mínima;
- Persistência e concentração;
- Alto grau de energia;
- Interesses específicos;
- Estilo próprio para resolver situações problemas;
- Curiosidade acentuada.

Somente na década de 80 é que o conceito científico de representação social passa a circular com fluidez nos meios acadêmicos, e novos estudos trarão, ainda, contribuições interessantes para este campo que é tão recente. Entretanto, examinar qualquer questão à luz do que se pensa que seja e do que realmente é sempre pode trazer surpresas tanto para o campo das ciências quanto para o campo do senso comum.

É previsível, portanto, que variações culturais existirão no tratamento e na discussão desta temática, pois há relação entre inteligência e aprendizagem cultural – social ou acadêmica - e que “o aprendizado humano pressupõe uma natureza social especial e um processo por meio do qual as crianças penetram na vida intelectual daqueles que as cercam” (Vygotsky, 1989). Façamos extensão destas afirmativas ao campo de estudo relativo aos alunos com altas habilidades e às inúmeras discordâncias e confusões conceituais existentes sobre tais pessoas, suas características e seu funcionamento diferenciado no cotidiano diário.

Conceituar e caracterizar essa pessoa são tarefas bastante difíceis, pois talentos, além de complexos, são múltiplos (Taylor, 1976). A literatura especializada é rica quanto às citações de diferentes autores e, dentre eles, ressaltaremos a concepção proposta por Renzulli.

- Habilidades acima da média: seriam os comportamentos observados, relatados ou demonstrados que confirmariam a expressão de traços consistentemente superiores em qualquer campo do saber ou do fazer.
- Assim, tais traços apareceriam com frequência e duração no repertório dos comportamentos de uma pessoa, de tal forma que seriam percebidos em repetidas situações e mantidos ao longo de períodos de tempo.
- Criatividade: seriam os comportamentos visíveis por meio da demonstração de traços criativos no fazer ou no pensar, expressos em diferentes linguagens tais como: falada, gestual, plástica, teatral, matemática, musical, filosófica ou outras (Mettrau, 1995). Necessário se torna ressaltar que a criatividade está relacionada com processos internos complexos de cada pessoa e não, necessariamente, com produtos. Este processo criativo pode, portanto, referir-se a: perguntas e respostas provocativas e inovadoras e soluções novas para problemas antigos (Mettrau, 1986).

A criatividade assim entendida apresenta intensidades e níveis diferenciados:

- nível expressivo (descoberta de novas formas de expressão);

- nível produtivo (ampliação da técnica de execução predominância da qualidade sobre a forma e o conteúdo final);
- nível inventivo (invenção e capacidade de descobrir novas realidades);
- nível inovativo (máximo poder criador; é menos freqüente, visto que poucas o atingem; implica originalidade);
- nível emergente (refere-se a princípios novos e não, apenas a modificações).
- Envolvimento com a tarefa: seriam aqueles comportamentos observáveis por meio de expressivo nível de interesse, motivação e empenho pessoal nas tarefas que realiza.

As altas habilidades ou superdotação não são, como muitos ainda pensam, um dom, mas sim características e comportamentos que podem e devem ser aperfeiçoados na interação com o mundo e que se apresentam numa variedade grande de combinações.

Para os indivíduos que apresentam tais características, nem sempre tem sido fácil mostrar ou demonstrar suas habilidades diferenciadas, pois há uma tendência social à conservação dos comportamentos e ainda não se prioriza a inovação na medida desejada necessária. Entretanto, é sabido que há necessidade de novos produtos, idéias, ações, etc, para o caminhar do mundo. Portanto, estas pessoas são valiosas tanto quanto todas as demais pessoas, e não podemos ignorá-las nem esquecê-las, sendo necessário ofertar instrumentos e oportunidades a todos e também a estes sujeitos com altas habilidades para cumprir nosso papel social na importante área educacional.

Métodos e profissionais excessivamente tradicionais e pouco inovadores teimam em não acompanhar a aceleração que a era da comunicação nos vem trazendo e nos vem mostrando. As inovações, quando aparecem, ficam muito mais do discurso do que de uma prática experimental, ou seja, aquela que vem acompanhada de dados e registros. Tal resultado deixa desconcertado o mundo do trabalho que atende a demandas cada vez mais específicas e atualizadas, criando uma dicotomia entre o mundo do aprender e o mundo do exercer e do ser.

Os talentosos, os criativos e os que apresentam altas habilidades podem dar contribuições excepcionais e especiais neste momento social, também excepcional e especial. O Brasil já é conhecido por suas riquezas naturais que são muitas e talvez por isto mesmo faça pouco uso e investimento em seus recursos humanos, preciosos também. Fingir que eles não existem é uma forma de mentir e de não ter que se ocupar nem se preocupar com tal questão. Os alunos talentosos ou com habilidades especiais devem ser orientados e

encorajados no uso, reconhecimento e compartilhamento com todo o grupo social.

O professor requer uma série de estratégias organizativas e metodológicas em sala de aula. Estratégias capazes de guiar sua intervenção desde processos reflexivos, que facilitem a construção de uma escola onde se favoreça a aprendizagem dos alunos como uma reinterpretação do conhecimento e não como uma mera transmissão da cultura

Com propriedade Ainscow (1997:16) afirma que o mais importante recurso em sala de aula é o próprio aluno:

Em cada sala, os alunos representam uma fonte rica de experiências, de inspiração, de desafio e de apoio que, se for utilizada, pode insuflar uma imensa energia adicional às tarefas e atividades em curso. No entanto, tudo isto depende da capacidade do professor em aproveitar essa energia. (...) os alunos têm a capacidade para contribuir para a própria aprendizagem.(...) a aprendizagem é, em grande medida, um processo social.

A criatividade do professor somada à sua convicção de que a aprendizagem é possível para todos os alunos e de que ninguém pode estabelecer limites do outro, certamente contribuirão para remover os obstáculos que tantos e tantos alunos tem enfrentado no seu processo de aprendizagem.

A arrumação das carteiras, a decoração das carteiras, a decoração da sala com os trabalhos dos próprios alunos; a organização de visitas, o uso de revistas, jornais e outros meios de comunicação impressa servem como fontes de interesse e de participação dos alunos nas atividades propostas.

Numa concepção pedagógica ideal, em turmas de alunos com vários graus de capacidade, o ensino deveria explorar um mesmo tema ou assunto, em níveis diversos de amplitude e profundidade, mas a maioria dos professores tem uma tendência natural a sintonizar o nível das aulas pela faixa de capacidade média do grupo. Uma criança mais inteligente, esperando que a turma chegue ao nível em que ela já estava, até mesmo antes do ensinamento escolar, e esperar que os outros aprendam aquilo que já sabe, pode ter que matar tempo, por horas e horas, a cada dia, todos os dias. Também se deve considerar que, na realidade, existem provavelmente poucas classes de capacidade mista, na escola regular atual.

Em 1994, na Inglaterra, menos de 1% das escolas tinham classes totalmente heterogêneas para todas as matérias, com exceção, geralmente, das aulas de arte, música e educação física (Benn e Chitty, 1996). A sala de aula comum é um lugar bastante estruturado, promovendo atividades para as quais a professora tenta atrelar a anuência do grupo de alunos, com o objetivo de melhorar o nível conhecimento e habilidades básicas para todos. Mas, pelo fato

de ser único, todo o potencial e os recursos para enriquecimento que a criança bem-dotada pode trazer para uma turma de alunos, podem ser perdidos pela conformidade. Mais grave ainda é a possibilidade da criança perder sua individualidade, suas características únicas, e esforçar-se para ser igual às outras.

Alunos bem-dotados quase sempre se sentem menos confortáveis do que os outros em um ambiente com estruturas rígidas de ensino, provendo para um grau de envolvimento do aluno muito limitado, e geralmente predeterminado, como acontece em uma sala de aula regular (Freeman, 1991). Sternberg e Lubart (1995) descobriram que, como resultado de pressão para ser o melhor aluno da escola, crianças de alto Q.I. e nível alto de desempenho, geralmente apresentavam problemas consideráveis em produzir idéias originais e “inteligentes”.

Um considerável número de crianças bem-dotadas no Brasil, que até a 4ª série tiravam as melhores notas, e não tinham a menor dificuldade com as tarefas escolares, ao passar para a 5ª série, por falta de hábitos de trabalho e pela atitude geral de considerar que “tudo na escola é fácil”, perdem-se na organização curricular, que passa a ser por disciplinas, demonstram-se incapazes de se organizar para trabalho independente e não raro apresentam desnecessariamente baixo rendimento escolar acompanhado de perda de interesse pelos estudos, o que acaba levando a repetir, desnecessariamente, a 5ª série.

Subdesempenho, são crianças com desempenho inferior a sua capacidade, geralmente com problemas emocionais e baixo autoconceito. Aham extremamente difícil mudar o próprio comportamento por si mesmas e podem melhorar com aconselhamento e assistência.

Baixa-produção alunos que simplesmente não produzem, mas que são psicologicamente fortes e confiantes nas suas capacidades. Eles escolhem não se submeter, e provavelmente são bem-sucedidos à sua própria maneira, por exemplo, em uma gangue de rua, ou deixando passar o tempo até ter que sair da escola e poder escolher uma área de produção no domínio não acadêmico, por exemplo, no comércio.

Gênio (pessoa)

Um gênio (português brasileiro) ou génio (português europeu) é uma pessoa com grande capacidade mental. Ela pode se manifestar por um intelecto de

primeira grandeza, ou um talento criativo fora do comum. Na primeira escala de classificação para níveis cognitivos, proposta por Lewis Madison Terman, em 1916, eram classificados como "gênios" as pessoas que obtivessem escore acima de 150, e "quase gênio" (near genius) entre 140 e 150, numa padronização com média = 100 e desvio-padrão = 16. Posteriormente, em 1928, essas classificações foram modificadas e passou-se a considerar "gênio" somente que obtivesse escores acima de 180, também numa padronização com média = 100 e desvio-padrão = 16. Para David Wechsler, o termo "gênio" poderia ser aplicado a quem obtivesse escore acima de 127, numa padronização com média = 100 e desvio-padrão = 15. Mais tarde, passou a classificar como "gênio" quem obtivesse escore acima de 150. Pela classificação mais recente do Stanford-Binet V (2003), o termo gênio é aplicado a quem obtém escore acima de 160, sendo reservado o termo "superdotado" para quem obtém escores entre 145 e 160.

O termo "gênio" também se aplica a alguém que seja um polímata ou alguém habilidoso em muitas áreas intelectuais. O termo se aplica com precisão a habilidades mentais, mais que físicas, embora seja também usado coloquialmente para indicar a posse de um talento superior em qualquer campo.

Deve-se ter em consideração que é perigoso tomar como referência os escores em testes de QI quando se deseja fazer um diagnóstico razoavelmente correto de genialidade. Há que se levar em consideração que em todos os escores, e em todas as medidas, existe uma incerteza inerente, bem como os resultados obtidos nos testes representam a performance alcançada por uma pessoa em determinadas condições, não refletindo necessariamente a capacidade total ou ótima da pessoa em condições ideais. Fatores como sono, cansaço, estresse, desmotivação, ansiedade, entre outros, podem prejudicar os resultados nos testes, bem como fatores como a sorte podem inflacionar resultados em testes de múltipla escolha.

E o mais importante: a grande maioria dos testes cognitivos usados em clínicas se baseia em questões demasiado elementares, inadequadas para estimar a capacidade intelectual em níveis muito altos. Isso gera muitas distorções quando se tenta diagnosticar "genialidade" com base num teste de QI.

O ganhador do Nobel de Física Richard Feynman, por exemplo, obteve escore 125 num teste de QI, e foi considerado portador de uma das mentes mais brilhantes do século XX, ao passo que alguns professores medianos de Física frequentemente alcançam escores de 140 a 160, desde que tenham pensamento rápido, já que a rapidez para resolver problemas simples é um quesito para se obter bons resultados em testes de QI tradicionais. Outro exemplo é o campeão mundial de Xadrez Garry Kasparov, que obteve escores 123 e 135 em dois testes de QI, sendo que sua genialidade é indiscutível.

Fatos como este, quando não são adequadamente analisados, podem colocar em dúvida a validade dos testes de QI e os diagnósticos baseados nos testes.

Por isso, quando se trata do conceito de "gênio", é mais recomendável que o "diagnóstico" seja baseado na produção intelectual. Em 1973, Kevin Langdon criou os primeiros testes de inteligência sem limite de tempo, e com nível de dificuldade muito mais alto que o dos testes de QI tradicionais. Entre 1982 e 1985, Ronald Hoeflin criou outros três testes difíceis e sem limite de tempo, seguindo a mesma linha.

Nas primeiras normatizações, estimava-se que estes testes seriam capazes de medir corretamente o QI até cerca de 190, enquanto os testes de QI tradicionais, como WAIS, Stanford-Binet, Cattell, Raven etc., só podiam medir corretamente até cerca de 135. Em normatizações mais recentes (2003-2006) e mais rigorosas, verificou-se que os testes de Hoeflin possuem um teto de validade perto de 165, sendo questionável a validade dos escores obtidos nos testes de Hoeflin que superem o patamar de 170. No final dos anos 1990 e início do século XXI, houve um surto de novos testes difíceis, criados por membros de sociedades de alto Q.I., e atualmente existem dezenas de testes que pretendem medir adequadamente o QI até cerca de 180 ou mais, embora seja discutível se de fato os escores acima de 165 nestes testes são representações adequadas da capacidade intelectual.

De qualquer modo, como são testes muito difíceis, complexos e demandam meses ou anos para serem solucionados, isso os torna mais semelhantes aos desafios intelectuais da vida acadêmica e faz com que representem melhor o nível de produção intelectual das pessoas examinadas. Empresas de alta tecnologia, como IBM e Microsoft, desenvolvem seus próprios testes cognitivos para selecionar seus colaboradores, geralmente com nível de dificuldade intermediário entre os testes de QI tradicionais e os testes mais difíceis criados por Langdon, Hoeflin, Lygeros e outros.

Para uma distribuição normal de escores com média 100 e desvio-padrão 16, um QI 180 corresponde a 5 desvios-padrão acima da média. Isso representa um nível de raridade de 1 em 3.500.000. Ou seja, há atualmente no mundo cerca de 2.000 pessoas com Qi neste nível de raridade. Assim, o nível de raridade acaba sendo um parâmetro adequado para atribuir o predicado de "gênio".

Dotados

Gênios são dotados de excepcional brilhantismo, mas frequentemente também são insensíveis às limitações da mediocridade bem como são emocionalmente

muito sensíveis, algumas vezes ambas as coisas. O termo prodígio indica simplesmente a presença de talento ou gênio excepcional na primeira infância. Os termos prodígio e criança prodígio são sinônimos, sendo o último um pleonasma.

Gênios artísticos podem se manifestar na primeira infância (prodígio) ou mais tarde na vida; de qualquer forma, os gênios eventualmente se diferenciam do restante através de grande originalidade. Gênios intelectuais geralmente tem visões nítidas e concisas de uma dada situação, na qual a interpretação é desnecessária - os fatos simplesmente os impactam e eles constroem ou agem de acordo com estes fatos, geralmente com tremenda energia. Aqui também, gênios consumados em campos intelectuais começam em muitos casos como prodígios, privilegiados com memória superior, reconhecimento de padrões ou apenas percepção.

A habilidade clássica do gênio musical é a capacidade de reter muitas melodias diferentes em sua cabeça, simultaneamente, e discernir como elas interagem juntas. É dito que os grandes compositores clássicos (Bach, Mozart, etc) podiam reter 5, 6 ou mesmo 7 melodias diferentes em suas mentes de uma vez. Eles podiam escrever música complicada, com muitas partes diferentes simultaneamente sem a necessidade de ouvi-la sendo tocada. Em comparação, uma pessoa média pode reter somente uma única melodia em sua mente.

Uma teoria desenvolvida pelo professor de Harvard Howard Gardner, em seu livro de 1983 *Frames of Mind*, declara que existem sete tipos de inteligência, cada qual com seu tipo de gênio. Veja teoria das inteligências múltiplas para saber mais sobre esse ponto de vista.

O psicopedagogo israelense Reuven Feuerstein desenvolveu a Teoria da modificabilidade cognitiva estrutural. Esta, afirma que o ser humano pode "aprender" a ser inteligente em qualquer fase da vida.

A inteligência é excepcionalmente difícil de quantificar. A medida padrão nos Estados Unidos e em outros países é o teste de Q.I.. Este teste é criticado por muitos por medir somente alguns aspectos da inteligência (discutem-se os aspectos acadêmicos e etnocêntricos).

Além disso, quando se trata de "genialidade", o nível de dificuldade dos testes de QI é absolutamente inadequado. Quando convidaram Gregori Perelman a se submeter a um teste de QI, ele riu quando viu as questões. Por analogia, seria como tentar medir o talento de Shakespeare ou Dostoiévski com base na velocidade que soletram palavras.

O fato de terem ou não uma habilidade especial para soletrar rapidamente não diz nada sobre seus talentos mais requintados para lidar com assuntos muito

mais complexos, não diz nada sobre a criatividade, o poder analítico e outros atributos que são realmente imprescindíveis a um gênio. Isso não significa que os testes de QI não sirvam para nada.

Os testes de QI são excelentes instrumentos objetivos, imparciais e precisos para se medir o nível intelectual dentro do intervalo de escores de 60 a 130 de QI, eventualmente são válidos também abaixo de 60, se tiverem sido adequadamente normatizados para isso e não envolvem múltipla escolha. Quando são de múltipla escolha, é importante que se tome o cuidado de não confundir a distribuição aleatória dos acertos casuais com a distribuição de níveis intelectuais para os escores mais baixos. O problema ocorre quando se tenta usar testes de QI fora dos limites de sua aplicabilidade, como seria o caso de tentar classificar "genialidade".

Limitações

Gênios são frequentemente acusados de falta de senso comum. Casos de gênios em determinadas áreas sendo incapazes de "captar" conceitos corriqueiros são abundantes e antigos; Platão, no Theaetetus fornece uma anedota pitoresca sobre a distração de Thales. Einstein, supostamente, muitas vezes se esquecia se tinha almoçado e costumava calçar meias de cores diferentes.

O foco intenso que um gênio coloca em um determinado assunto pode parecer de natureza obsessiva-compulsiva, mas pode também ser simplesmente o resultado de uma escolha feita pelo indivíduo. Se alguém está realizando um trabalho revolucionário em algum campo, a manutenção dos outros elementos da vida pode ser logicamente relegada à insignificância.

Apesar da ideia do professor distraído não ser totalmente desprovida de valor, um gênio encontrará tantos problemas emocionais como qualquer outra pessoa. Note as peculiaridades de figuras como Glenn Gould e Bobby Fischer. Tais exemplos são provavelmente produtos de instabilidade mental ou emocional, em vez de gênio per se, embora haja uma correlação pesquisada entre QI e desajustamento social.

Problemas sócio-emocionais são mais preponderantes em gênios com um QI acima de 145. Desenvolvimento assíncrono é a causa principal disto. Como a maioria das crianças não compartilham os interesses, vocabulário ou desejo de organizar atividades das crianças dotadas, as crianças gênio podem ser afastadas da sociedade.

Algumas pesquisas mostram que outras razões além do desajuste tornam difícil para os gênios obterem companhia. Como a inteligência de uma pessoa aumenta, aqueles que elas consideram como pares constituem-se num número cada vez menor de pessoas. Por exemplo, para um QI de 135 somente uma em cada 100 pessoas terá QI igual ou superior. Este número encolhe significativamente a medida que o QI sobe.

Leta Hollingworth introduziu a ideia de uma "faixa de comunicação" efetiva baseada no QI. De acordo com sua teoria, para ser-se um líder efetivo de seus contemporâneos, alguém deve ser mais inteligente, mas não muito mais inteligente do que aqueles que deverá liderar. Isto implica que os gênios podem não ser bons líderes daqueles substancialmente menos dotados e que eles podem nutrir desdém pela autoridade. A teoria também declara que crianças e adultos tornam-se intelectualmente isolados de seus contemporâneos quando existe uma diferença de 30 pontos no QI.

É importante notar que fatores sociais e econômicos podem impedir a expressão de um gênio. Tais fatores incluem expectativas sociais em relação às mulheres e repressão de minorias. Por este motivo, os aparentes pendores pró-homens e pró-europeus nos gênios atuais e do passado podem não indicar uma diferença real na incidência de gênios biológicos em outros grupos.

Ao longo dos anos temos vivenciado no Brasil o movimento pela inclusão escolar. Este é um assunto debatido em todo o mundo e o grande desafio da educação especial está em desenvolver métodos que possam beneficiar as várias deficiências do aluno, seja ela física ou intelectual. Este estudo pretende mostrar aos professores da sala comum que eles devem conhecer não somente os equipamentos que a escola tem, mas que também devem interagir em conjunto com os professores do AEE, buscando a melhor maneira de trabalhar com as deficiências de cada criança, para que seus alunos tenham acesso às melhores condições possíveis de aprendizagem.

A luta pela inclusão escolar veio ganhando notoriedade em nossa sociedade e teve consequências positivas nas políticas públicas educacionais para a inclusão de alunos com necessidades especiais. Com a criação da Constituição Brasileira em 1988, as pessoas com deficiência tiveram seus direitos assegurados e a partir de então o aluno com deficiência teve direito ao Atendimento Educacional Especializado. A Constituição Brasileira (1988) nos mostra que é dever do Estado a igualdade e o acesso à educação e ao

III – atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente;

V – acesso aos níveis mais elevados do ensino, da pesquisa e da criação artística, segundo a capacidade de cada um; (BRASIL, 1988, art. 208, III, V, CF p.118).

Independente das possibilidades de mudanças no cenário educacional, o ato de incluir estes alunos com necessidades especiais ainda é um sonho a ser realizado em grande parte de nossas escolas, haja vista que as mesmas vivem muito abaixo da realidade de nossas crianças inclusas. É necessário fazer valer seus direitos quanto ao espaço físico, seus valores, saberes e principalmente sua permanência nas salas regulares.

Assim, diante dos anos de prática profissional junto aos alunos especiais e também de experiências vivenciadas no dia a dia, sentimos a necessidade de levantar informações com a intenção de fazermos uma reflexão sobre o Atendimento Educacional Especializado e as práticas educativas na perspectiva da inclusão com o intuito de analisar de que maneira estão sendo realizados esses atendimentos, bem como reconhecer as dificuldades enfrentadas pelos professores durante o processo de inclusão.

Na filosofia

Na filosofia de Arthur Schopenhauer, um gênio é uma pessoa na qual o intelecto prevalece sobre a vontade muito mais do que numa pessoa mediana. Na Estética de Schopenhauer, esta predominância do intelecto sobre a vontade permite ao gênio criar trabalhos artísticos ou acadêmicos que são objectos de pura e desinteressada contemplação, o principal critério da experiência estética para Schopenhauer. Seu distanciamento das preocupações mundanas significa que os gênios de Schopenhauer frequentemente demonstram características de desadaptação quanto a tais preocupações; nas palavras de Schopenhauer, eles caem na lama enquanto fitam as estrelas.

Na filosofia de Immanuel Kant, gênio é a capacidade para atingir independentemente e compreender conceitos que normalmente teriam de ser ensinados por outra pessoa. No Dicionário Kant, Howard Caygill fala que o caráter essencial do "gênio" para Kant era a originalidade. Este gênio é um talento para produzir ideias que podem ser descritas como não-imitativas. A discussão de Kant sobre as características do gênio está grandemente contida na Crítica do Julgamento e foi bem recebida pelos românticos do início do século XIX.

De acordo com a temática abordada é importante fazermos uma viagem histórica para nos situarmos de como as pessoas com deficiência passaram a

usufruir seus direitos, principalmente os direitos de aprendizagem no que se refere à igualdade de condições de acesso ao Currículo e demais áreas do conhecimento, tendo assegurada a oferta do Atendimento Educacional Especializado – AEE, em salas de recursos multifuncionais (SRM).

No decorrer dos anos aumentou o número de crianças com algum tipo de deficiência nas escolas de nosso país. Esse crescimento não pode ser visto como mera coincidência e sim o resultado de uma luta de longos anos da sociedade brasileira.

Historicamente, em 1948, surge a Declaração Universal de Direitos Humanos que abre um leque de possibilidades e destaca mais claramente os sujeitos de direitos dessa declaração. A partir de então os direitos humanos passam a ser vistos universalmente, incorporando as inúmeras particularidades existentes e dentre elas o direito das pessoas com deficiência. Nesta perspectiva, a luta das pessoas com deficiência ganha força política e social, no qual novas possibilidades vão surgir na sociedade civil e nos grupos políticos onde se inicia novas políticas públicas.

De acordo com Resolução nº4, AEE deve ser realizado, prioritariamente, na sala de recursos multifuncionais da própria escola ou em outra escola de ensino regular, no turno inverso da escolarização, não sendo substitutivo às classes comuns, podendo ser realizado, também, em centro de Atendimento Educacional Especializado da rede pública ou de instituições comunitárias, confessionais ou filantrópicas sem fins lucrativos, conveniadas com a Secretaria de Educação ou órgão equivalente dos Estados, Distrito Federal ou dos Municípios. (BRASIL, 2009, Art.5, p.2).

O objetivo principal do AEE é o de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas. As atividades desenvolvidas no atendimento educacional especializado diferenciam-se daquelas realizadas na sala de aula comum, contudo, tais atividades não são substitutivas a escolarização.

O atendimento educacional especificado disponibiliza programas de enriquecimento curricular, o ensino de linguagem e códigos específicos de comunicação e sinalização ajudas técnicas e tecnologia assistida, dentre outros.

É na educação infantil que a inclusão escolar tem início, pois é o local onde desenvolvem-se as bases necessárias para a construção do conhecimento e seu desenvolvimento global. Nessa etapa, o lúdico, o acesso às formas diferenciadas de comunicação, a riqueza dos estímulos nos aspectos físicos,

emocionais, cognitivos, psicomotores e sociais e a convivência com as diferenças favorecem as relações interpessoais, o respeito e a valorização da criança (SARTORETTO, SARTORETTO 2010).

Em todas as etapas e modalidades da educação básica, o Atendimento Educacional Especializado é organizado para apoiar o desenvolvimento dos alunos, constituindo oferta obrigatória dos sistemas de ensino e o atendimento deve ser realizado no turno inverso ao da classe comum, na própria escola ou no centro especializado que realize esse serviço educacional.

O AEE é de fundamental importância porque trabalha as reais necessidades do aluno, respeitando os ritmos de aprendizagem e as peculiaridades de cada um, desenvolvendo a autonomia dos alunos, facilitando a aquisição de seus valores, além de favorecer a compreensão de conhecimentos relacionados à aplicação de situações de vida diária, contribuindo para o desenvolvimento das potencialidades de cada aluno proporcionando a aquisição de habilidades inter e intrapessoais, disponibilidade permanente para aprender, facilitando a caminhada ao saber; contribuir para que o aluno construa gradualmente os seus conhecimentos, pelos processos de avanços e recuos inerentes ao seu próprio ritmo, evoluindo a cada passo.

De acordo com a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9.394/96, o Atendimento Educacional Especializado, assegurado no artigo 58, § 1º e § 2º, ressalta que

§ 1º. Haverá, quando necessário, serviço de apoio especializado, na escola regular, para atender as peculiaridades da clientela de Educação Especial.

§ 2º. O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que, em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular (BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, 1996, p.21).

A lei assegura o direito do aluno ao Atendimento Educacional Especializado assim que for necessário, para que o mesmo possa ser atendido em suas particularidades e necessidades, bem como quando não for possível matricular nas classes comuns esse atendimento deverá ser realizado por meio do serviço de apoio especializado.

A função do AEE é a de identificar, elaborar e organizar recursos pedagógicos e de acessibilidade que eliminem as barreiras para a plena participação dos alunos, considerando suas necessidades específicas.

Esse atendimento complementa e/ou suplementa a formação dos alunos com vistas à autonomia e independência na escola e fora dela.

De acordo com a LDB (1996), a Educação Especial no contexto da modalidade educação escolar, é um processo educacional definido por uma proposta pedagógica que assegure recursos e serviços educacionais especializados que visam garantir e promover as potencialidades dos alunos que apresentam NEE, em educação básica.

Não basta apenas incluir este aluno especial em uma sala de aula. Além das adaptações físicas é necessário que a escola ofereça um atendimento paralelo às aulas regulares para que a criança possa de fato promover suas potencialidades e garantir sua integração dentro e fora da escola.

É também papel da escola ajustar a inserção do indivíduo ao meio social, sempre com uma visão crítica, é importante salientar que a prática pedagógica do professor é essencial no desempenho escolar do aluno, já que a educação vem passando por mudanças no decorrer dos anos, por isso é necessário que o docente esteja sempre buscando atualizações para inovar sua prática de ensino.

Para Libâneo (2006), com a orientação da coordenação pedagógica e havendo um clima de colaboração, pode se chegar à prática dos professores ao observarem as aulas uns dos outros e fazerem uma reflexão conjunta para que se ajudem reciprocamente. É professor que deve ir à busca de alternativas para enriquecer a prática por meio de recursos pedagógicos, planejamentos das ações que estejam relacionados aos conteúdos e a vida escolar do aluno.

O trabalho do professor do AEE é basicamente propor situações para que o aluno possa interagir e ao mesmo tempo sair de uma posição passiva diante da aprendizagem e passe para uma postura dinâmica de apropriação do saber. Dependendo de sua deficiência, a criança pode ser avaliada na sala de recursos multifuncionais, quanto a leitura, a escrita e ao raciocínio lógico. Hoje o grande desafio da educação especial está em criar estratégias que possam contemplar a diversidade da condição humana uma vez que a educação é essencial para o progresso pessoal e social de cada cidadão.

Apesar das perspectivas de mudanças no cenário educacional, a inclusão de alunos ainda é uma utopia a ser alcançada na maioria de nossas escolas, já que as mesmas apresentam um conjunto de elementos que se diferenciam das realidades dos alunos inclusos e estes precisam ser respeitados a partir de seu espaço físico e acima de tudo, seus elementos constituintes, ou seja, sua cultura, valores, saberes e a forma de produção e de sociabilidade.

Cognição

Cognição é uma função psicológica actuante na aquisição do conhecimento e se dá através de alguns processos, como a percepção, a atenção, associação, memória, raciocínio, juízo, imaginação, pensamento e linguagem. A palavra Cognitione tem origem nos escritos de Platão e Aristóteles.

É o conjunto de processos psicológicos usados no pensamento que realizam o reconhecimento, a organização e a compreensão das informações provenientes dos sentidos, para que posteriormente o julgamento através do raciocínio os disponibilize ao aprendizado de determinados sistemas e soluções de problemas.

De uma maneira mais simples, podemos dizer que cognição é a forma como o cérebro percebe, aprende, recorda e pensa sobre toda informação captada através dos cinco sentidos, bem como as informações que são disponibilizadas pelo armazenamento da memória, isto é, a cognição processa as informações sensoriais que vem dos estímulos do ambiente que estamos e também processa o conteúdo que retemos em relação às nossas experiências vividas.

Mas a cognição é mais do que simplesmente a aquisição de conhecimento e consequentemente, a nossa melhor adaptação ao meio - é também um mecanismo de conversão do que é captado para o nosso modo de ser interno. Ela é um processo pelo qual o ser humano interage com os seus semelhantes e com o meio em que vive, sem perder a sua identidade existencial. Ela começa com a captação dos sentidos e logo em seguida ocorre a percepção. É, portanto, um processo de conhecimento, que tem como material a informação do meio em que vivemos e o que já está registrado na nossa memória.

Psicologia

Assim surge a psicologia cognitiva que estuda esses aspectos, os processos de aprendizagem e comportamentais para a aquisição de conhecimento.

Atualmente é um ramo da psicologia dividido em inúmeras linhas de diferentes pesquisas e algumas vezes discordantes entre si.

A prática pedagógica para portadores de altas habilidades

O professor deve aprender com o aluno, como salienta o relatório Jaques DELORS, um dos pilares da educação e da pedagogia para o mundo contemporâneo é aprender a viver juntos (DELORS, 1999). E isto acarreta consequências para os estranhos e estrangeiros curriculares que se distanciam nas suas disciplinas, como se vê ao tratar da epistemologia da complexidade

Após o acompanhamento do filme “Gênio Indomável”, pretendo demonstrar particularmente, através de uma reflexão, como o docente deve se preparar para enfrentar os desafios do processo educacional de crianças e adolescentes portadores de habilidades especiais ou altas habilidades (superdotados), como se comportam e como devem ser tratados pelo professor de maneira que possam juntos obter êxito em suas atividades.

O filme Gênio Indomável (1998) demonstra o drama sobre um jovem superdotado de nome Will Hunting com fantástico talento lógico-matemático que é obrigado a fazer terapia para resolver diversos problemas pessoais de raiva, distanciamento emocional e agressividade.

Com Direção de Gus Van Sant, com os atores Matt Damon e Ben Affleck – que também são os roteiristas - Robin Williams, Minnie Driver e Stellan Skarsgård. O personagem central Will Hunting apresenta memória fantástica, ampla leitura, talento para ciências e imensa capacidade de resolver problemas lógicos e matemáticos extremamente complexos com rapidez e facilidade. Sozinho e sem ter amigos mais íntimos, trabalha numa escola para poder sobreviver. Consegue a simpatia de um professor de matemática excepcional, que tenta ajudá-lo em sua vida social, tentando adaptá-lo ao ambiente escolar sem muito sucesso.

Três cenas merecem destaque particular:

cena onde Will defende a sua própria causa num tribunal com extrema habilidade. Sem nenhuma experiência de Direito, apenas lendo vários livros da mesma área consegue brilhantemente demonstrar suas habilidades;

outra cena onde humilha um aluno da Famosa Universidade de Harvard, que esnobou um amigo seu na presença de outros jovens. Will descreve oralmente alguns trechos de um livro que memorizou;

e uma terceira onde literalmente demonstra a solução de um problema complexo de Matemática a um professor ganhador da prestigiosa Medalha Fields (algo como um Prêmio Nobel).

Na forma em que essas qualidades se manifestam durante o filme, parece tratar-se de um QI entre 180 e 190.

É um excelente filme que revela como a alta superdotação pode nascer mesmo nos ambientes mais desfavoráveis onde existem pressões sociais e financeiras.

Acerca do comportamento de superdotados podemos inferir do estudo das tendências pedagógicas filosóficas as pedagogias humanistas, que classicamente foram pedagogias da essência, modelando sua ação sobre o que a reflexão apontava como sendo homem.

Assim, havia modelos, normas e critérios para decidir e programar a ação e prática educativas: a razão era o guia. No existencialismo, contudo, a fonte original de reflexão não é mais a essência e sim a existência enquanto minha existência; então, motiva, como primeira consequência, a livre escolha do ser, a liberdade de decisão do eu e em cascata, leva de roldão todas as concepções pedagógicas centradas num modelo do ser ou da pessoa humana.

É o aluno que decide o ser, a ele compete a sua decisão: como acontece na escola nova.

Dadas as suas particularidades, as crianças e adolescentes superdotados intelectuais apresentam necessidades específicas a serem atendidas para que se possa maximizar suas chances de um desenvolvimento saudável e feliz. Lázaro (1981) aponta para diversas dessas necessidades, como se pode ver a seguir. Necessidades específicas das crianças e adolescentes superdotados segundo Lázaro (1978):

- Tanto a negação da superdotação por parte dos adultos quanto a exibição dos seus dotes são prejudiciais e tenderão a criar problemas na área emocional e social.
- É tão perigoso exigir desempenho excessivo de um superdotado quanto subestimar sua capacidade.
- O filho superdotado poderá ser um obstáculo à auto-imagem dos seus pais, podendo acarretar comportamentos inadequados de ambas as partes. O filho pode sentir-se como um intruso cujo potencial não deverá mostrar-se tal como é, o que o leva a criar sentimentos de insegurança, impotência, e levando ao desajuste social.

- Quanto mais bem dotados forem os pais de crianças superdotadas, tanto mais capacidade poderão ter para estimular seus filhos adequadamente, desde que não confundam orientação com competição.

- Se o superdotado sente que não é aceito pelo mundo exterior, tenderá a se subestimar, criando grande dificuldade em ver-se como pessoa talentosa e, conseqüentemente, renderá muito menos do que seria capaz em outras circunstâncias.

Também a posição do superdotado na constelação familiar é importante.

O primogênito e o filho único tendem a esforçar-se mais por um melhor desempenho em agradar os pais.

Trata-se de um conjunto de questões que são próprias dos indivíduos bem-dotados, as quais requerem atenção especial da parte daqueles encarregados do seu bem-estar.

O educador não só pode como deve estar bem informado, preparado e acima de tudo consciente de que jovens dotados de uma inteligência superior devem ser bem acompanhados na escola e fora dela, mas para isso ele deve desenvolver o senso de aceitação e ajudar no crescimento sócio-cultural destes.

No ensino integrado, a criança é vista como sendo portadora do problema e necessitando serem adaptadas aos demais estudantes, se uma criança com dificuldades especiais é integrada numa escola regular, ela passa a se comunicar com os demais passando a se socializar com o grupo. De acordo com Pierre Lévy (1998, p. 13), o ser humano está provavelmente convergindo para a constituição de um novo meio de comunicação, de pensamento e de trabalho.

Devem ser do estado e da própria família, utilização de métodos e técnicas que contemplam códigos e linguagens apropriadas as situações específicas da aprendizagem nas escolas suprimindo essas necessidades, a Experiência de Aprendizagem Mediada na proposta por Pierre Lévy possibilita o desenvolvimento de ferramentas teórico-metodológicas capazes de produzir modificabilidade cognitiva estrutural.

A educação com qualidade conforme argumenta Campos (2008), para os movimentos sociais reivindicavam a qualidade da educação entre o decorrer dos anos, pois os participantes tinham dificuldades de perceber as nuances dos projetos educativos que as instituições de ensino desenvolviam.

O trabalho problematiza a realidade dos alunos da educação especial que frequentam as escolas na educação especial é um tema recente nas políticas educacionais. No entanto, a presença desta interface nos documentos oficiais da educação especial é projetos de grandes pesquisas a serem conquistadas com o decorrer do tempo.

Segundo Feuerstein (1994) afirma que duas são as formas de aprendizagem humana, uma delas é a experiência direta de aprendizado é a interação do organismo com o meio ambiente, a outra é a Experiência de Aprendizagem Mediada que requer a presença e a atividade de um ser humano para organizar, selecionar, interpretar e elaborar aquilo que foi experimentado. Sendo assim, esse autor sustenta que ocorrem mudanças que são determinantes do desenvolvimento cognitivo causando respostas diferenciadas em relação ao meio em que vive.

A escola e a família são contextos do desenvolvimento dos indivíduos com papéis complementares no processo educativo cujo significado cultural, econômico e existencial (...) reside no encontro dinâmico das realidades, valores e projetos de cada uma destas unidades sociais. É a ciência que tem como objeto de estudo o homem através do seu corpo em movimento e em relação ao seu mundo interno e externo, (TEIXEIRA, 2006, p. 39).

Diante de tais constatações este artigo procurará investigar, inicialmente, as teorias que reconhecem a presença do professor da educação especial. Segundo Teixeira (2006) a família é fundamental na vida dos alunos. Buscou-se fundamentação teórica no levantamento das fontes de informações sobre o objeto, para definição do tema, a fim de explicar o aluno com necessidade especial e observa-se que o tópico proposto é carente de estudos, principalmente no campo educacional, sendo necessário recorrer a outras áreas para delineamento do assunto, fato que comprova a importância e a necessidade de aprofundamento sobre o tema proposto na área da educação.

A inclusão de alunos que apresentam, necessidades educacionais especiais vêm mobilizando a sociedade e toda comunidade escolar frente a este novo modelo de escola, onde todos os alunos devem estar incluídos nas salas de aulas, do ensino regular. Esse movimento faz com que a escola reflita sobre princípios desse novo paradigma, que vai desde a convivência com esses alunos em um mesmo espaço até uma mudança na organização de todo o trabalho pedagógico da escola.

A inclusão escolar, influenciada por diretrizes internacionais, vem se constituindo como prioritária na legislação brasileira desde a década de noventa, com base nos princípios da Declaração de Salamanca (UNESCO, 1994). Porém a legislação nacional parte do pressuposto que a educação inclusiva se caracteriza como uma ampliação de acesso à educação dos grupos historicamente excluídos.

Devido ao âmbito do estudo da educação Segundo a Unesco (1968), os objetivos da Educação Especial destinada às crianças com deficiências mentais, sensoriais, motoras ou afetivas são muito similares aos da educação geral, quer dizer: possibilitar ao máximo o desenvolvimento individual das aptidões intelectuais, escolares e sociais. Quando se trata de inclusão primeiramente, é de suma importância um rompimento com a noção que o senso comum traz de cultura, onde um homem culto é aquele que teve a instrução, ou, seja conhecedor de alguma produção intelectual da humanidade, pois essa ideia de cultura é advinda da hierarquização da sociedade.

A inclusão tem um sentido que indica a situação unilateral, onde apenas o deficiente teria de lutar para ser aceito em um grupo social. A inclusão procura colocar o deficiente dentro da estrutura da qual faz parte por direito. Entre estes grupos, a escola e a família são os que em primeiro lugar precisam e devem estabelecer a inclusão.

O direito ao ensino regular tem possibilitado às crianças com necessidades educacionais especiais, a busca de qualificação em várias áreas do conhecimento, desenvolvendo funções sociais e cognitivas.

O processo de inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais tem sido amplamente discutido, principalmente a partir da década de 90, quando iniciou-se o debate sobre a necessidade de não somente intervir diretamente sobre essa população, mas também reestruturar a sociedade para que possibilite a convivência dos diferentes (Mendes, 2002a, p. 64).

Segundo Anastasiou (2004) confirma que a função do professor é, então, de provocar, instigar, valer-se dos alunos para elaborar uma ligação com o objeto de aprendizagem que, em algum estágio, consinta em uma carência deles, auxiliando-os a tomar consciência das necessidades socialmente existentes na sua formação.

O ter e o fazer devem servir para ser mais e melhor, a fim de que o ensino-aprendizagem contribua para a conscientização reflexivo-crítica dos sujeitos históricos e se recriem as possibilidades de uma pedagogia humanizadora, numa perspectiva crítica e transformadora. (ANASTASIOU, p.81, 2002).

Numa escola inclusiva, o aluno é sujeito de direito e foco central de toda ação educacional a garantir a sua caminhada no processo de aprendizagem e de construção de competências necessárias para o exercício pleno da cidadania, que por outro lado, o objetivo prioriza as potencialidades e necessidades de uma qualidade pedagógica para que a escola se tornasse inclusiva.

Na inclusão, as escolas devem reconhecer e responder às diversas necessidades de seus alunos, considerando tanto os estilos como ritmos diferentes de aprendizagem e assegurando uma educação de qualidade a todos, por meio de currículo apropriado, de modificações organizacionais, de estratégias de ensino, de uso de recursos e de parcerias com a comunidade.

A construção da escola inclusiva exige mudanças nessa cultura e nas suas consequentes práticas. Segundo Perrenoud (2000) aponta alguns fatores que dificultam a construção de um coletivo, no contexto educacional, na limitação histórica da autonomia política e alternativa do profissional da educação.

O significado da inclusão escolar é que ela vem se desenvolvendo em todos os setores sociais, não somente na escola, mas em todos âmbitos sociais:

- .Educação como direito de todos;
- .Igualdade de oportunidades;
- .Convívio social;
- .Cidadania;
- .Valorização da Diversidade;
- .Transformação Social.

A Constituição de 1988 dedicou vários artigos às pessoas com deficiência, de que é exemplos o artigo 7º, XXXI; artigo 23, II; artigo 24, XIV; artigo 37, VIII; artigo 203, V; artigo 227, p. 2º e o artigo 244. Eles tratam de pontos tão variados como a proibição da discriminação no tocante a salários e a admissão ao trabalho, saúde e assistência pública, proteção e integração social, o acesso a cargos e empregos públicos, garantia de salário mínimo mensal à pessoa com deficiência carente de recursos financeiros e a adaptação de logradouros, edifícios e veículos para transporte coletivo.

O primeiro documento que merece menção é o decreto n. 3298, de 20 de dezembro de 1999. Ele regulamentou a Lei n. 7853, de 24 de outubro de 1989, que consolidou as regras de proteção à pessoa portadora de deficiência. Segundo a Secretária de Direitos Humanos da Presidência da República - SDH/PR Secretaria Nacional de Promoção dos Direitos da Pessoa com Deficiência - SNPD.

Art. 17. O Poder Público promoverá a eliminação de barreiras na comunicação e estabelecerá mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação, para garantir-lhes o direito de acesso à informação, à comunicação, ao trabalho, à educação, ao transporte, à cultura, ao esporte e ao lazer.

Art. 18. O Poder Público programará a formação de profissionais intérpretes de escrita em braile, linguagem de sinais e de guias-intérpretes, para facilitar qualquer tipo de comunicação direta à pessoa portadora de deficiência sensorial e com dificuldade de comunicação.

Art. 19. Os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens adotarão plano de medidas técnicas com o objetivo de permitir o uso da linguagem de sinais ou outra subtitulação, para garantir o direito de acesso à informação às pessoas portadoras de deficiência auditiva, na forma e no prazo previsto em regulamento.

Para se ter a dimensão do entendimento que a sociedade tem sobre o indivíduo deficiente precisamos nos reportar ao passado, e localizar nas diferenças épocas, o retrato que se fixou, culturalmente, sobre a ideia das diferenças individuais e que se converteu no atual modelo de atendimento a este sujeito nas várias instituições, principalmente no ensino regular. (ROCHA, 2000, p.3).

Gugel (2008) expõe que na era primitiva, as pessoas com deficiência não sobreviviam, devido ao ambiente desfavorável.

Afinal, para seu sustento, o homem primitivo tinha que caçar e colher frutos, além de produzir vestuário com peles de animais. Com as mudanças climáticas, os homens começam a se agrupar e juntos irem à busca de

sustento e vestimenta. No entanto, somente os mais fortes resistiam e segundo pesquisadores, era comum nesta época desfazerem de crianças com deficiência, pois representava um fardo para o grupo.

Segundo Gugel (2008), no Egito Antigo, as múmias e os túmulos nos mostram que a pessoa com deficiência interagiu com toda sociedade. Já na Grécia, as deficiências eram tratadas pelo termo "disformes" e devido à necessidade de se manter um exército forte os gregos eliminavam as pessoas com deficiências.